

MORENO, A. P. M. A. Condicionamentos prosódicos ao processo de elisão da vogal /a/ em Porto Alegre e no Porto: evidências para a comparação entre PB e PE. *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016. [www.revel.inf.br].

CONDICIONAMENTOS PROSÓDICOS AO PROCESSO DE ELISÃO DA VOGAL /A/ EM PORTO ALEGRE E NO PORTO: EVIDÊNCIAS PARA A COMPARAÇÃO ENTRE PB E PE

Ana Paula Mello Alencastro Moreno¹

apalencastro@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo trata do fenômeno de elisão da vogal /a/ em fronteira vocabular na fala de Porto Alegre – RS, no Brasil, e do Porto, em Portugal, a partir de amostras coletadas através de entrevistas de experiência pessoal, com 24 informantes de cada uma das regiões supracitadas. Objetivou-se, além de descrever os processos nas duas variedades da língua portuguesa, comparar os resultados obtidos a partir da mesma metodologia. Para tanto, a análise foi conduzida com o apoio teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), possibilitando a investigação acerca da atuação de aspectos prosódicos, como a fronteira prosódica, o ritmo e a taxa de elocução.

PALAVRAS-CHAVE: elisão; Português Brasileiro; Português Europeu; Fonologia Prosódica

ABSTRACT: This study focuses on the process of elision of /a/ at word boundaries in the speech of individuals from Porto Alegre-RS, Brazil, and Porto, Portugal, based on samples collected through personal experience interviews with 24 subjects from each of the places mentioned. The aim was not only to describe the process in both varieties but also to compare the results obtained with the same methodology. In order to do that, the analysis followed in light of Prosodic Phonology (NESPOR & VOGEL, 1986) and Variation Theory (LABOV, 1972, 1994, 2001), allowing the investigation of the action of prosodic aspects such as word boundaries, rhythm and speech rate.

KEYWORDS: elision; Brazilian Portuguese; European Portuguese; Prosodic Phonology

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende, a partir de ocorrências do fenômeno de elisão da vogal /a/ em fronteira de vocábulos, comparar as variedades brasileira e europeia da língua portuguesa - doravante PB e PE -, aqui representadas, respectivamente, por

¹ Doutora em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

amostras de fala espontânea coletadas em Porto Alegre – RS, no Brasil, e no Porto, em Portugal.

A análise do fenômeno de sândi externo denominado elisão, que considera o apagamento da vogal final de um vocábulo diante de vogal de qualidade fonética distinta inicial do vocábulo subsequente, para a comparação entre as duas variedades supracitadas é justificada pela relevância do condicionamento de aspectos rítmicos ao processo e, conseqüentemente, à hipótese principal deste estudo, fundamentada na literatura (Abaurre 1981, Vigário e Frota 2000), de que as principais distinções entre PB e PE estão relacionadas aos aspectos que evidenciam o ritmo da língua.

Os dados coletados serão tratados à luz da Teoria da Variação (Labov 1972, 1994, 2001), a partir da qual será possível verificar a frequência global do fenômeno de elisão da vogal /a/ em amostras representativas de PB e de PE e comparar sistematicamente os resultados obtidos para cada uma das variedades em estudos, não só no que tange à frequência da aplicação de elisão, como também com relação aos condicionamentos. A Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) será tomada como base para a discussão sobre as estruturas e condicionamentos prosódicos envolvidos no processo.

1. O PROCESSO DE ELISÃO E A COMPARAÇÃO ENTRE PB E PE

O fenômeno que norteia este estudo é o processo variável de elisão, que resulta no apagamento de vogal em fronteira de vocábulos. Duas posições, para efeito de análise, são consideradas: uma ocupada pela vogal átona final do vocábulo em primeira posição, candidata ao apagamento, e outra ocupada pela vogal inicial do vocábulo em segunda posição, de qualidade fonética distinta da vogal inicial do vocábulo em primeira posição. Os exemplos apresentados em (1) a seguir ilustram o processo.

(1)

A menina esperta comeu todo o bolo. – [meninis'partɛ]

O professor estava otimista. – [istavof'i'mistɛ]

O garota é desinibida e inteligente. – [ga'rote]

O estudo, construído a partir de amostras obtidas através de entrevistas de experiência pessoal realizadas em Porto Alegre–RS, no Brasil, e no Porto, em Portugal, tem por objetivo, à luz da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) e da Teoria da Variação (Labov 1972), realizar a comparação entre resultados sobre o fenômeno de elisão em PB e PE, a fim de oferecer evidências para a discussão sobre as similaridades e distinções entre as duas variedades, principalmente com relação aos condicionamentos prosódicos. Pressupõe-se que a primeira distinção esteja relacionada à frequência da regra de elisão, maior na amostra do Porto do que na de Porto Alegre.

A hipótese, baseada em estudos anteriores (Bisol 1992, 1996; Frota 1998 e Tenani 2002), de que o fenômeno em estudo é condicionado principalmente pelos aspectos prosódicos da língua, justifica a presença das variáveis Fronteira Prosódica e Distância entre os Acentos na análise, e motiva o exame da Taxa de Elocução (doravante TE) (Barbosa 2000) nas amostras de Porto Alegre e do Porto. Pretende-se, a partir dos resultados obtidos, revelar evidências sobre o aspecto apontado pela literatura (Abaurre 1981; Vigário e Frota 2000) como a principal distinção entre a variedade brasileira e a variedade europeia da língua portuguesa, a saber, o ritmo. Com relação à Taxa de Elocução, tem-se ainda o objetivo de verificar a sua influência sobre a frequência de elisão nas amostras consideradas, a partir da hipótese de que a taxa mais rápida favoreça a aplicação da regra.

1.1 RESTRIÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA A APLICAÇÃO DA ELISÃO

Ainda que tenha apontado a relevância da qualidade das vogais envolvidas no processo, conforme Bisol (1992:95), a principal restrição à aplicação da elisão é de caráter rítmico e diz respeito ao acento, visto que a regra é bloqueada quando o acento principal da frase fonológica recai sobre a vogal em segunda posição (mastigava ervas → *[mastj'iga'vervas]).

O caráter rítmico revelado pela influência do acento sobre o processo em variedades do PB foi atestado ainda em Liberato (1978), sobre a variedade falada em Belo Horizonte – MG, em Tenani (2002), sobre o português falado em São José do Rio Preto – SP, além de estudos à Luz da Teoria da Variação. Já com relação ao PE,

os estudos de Ellison e Viana (1995), Vigário (1997) e Frota (1998) corroboram o bloqueio acentual ao processo de elisão, que parece, pois, o principal condicionamento desde o português arcaico. Bisol (1992: 96) ressalta, entretanto, que o acento é frequentemente apagado quando pertence a uma palavra funcional ou às conjugações do verbo *ser*, como *ela* e *era*, não caracterizando um choque acentual.

No presente estudo, porém, o papel do acento será analisado sob metodologia distinta à utilizada em estudos anteriores, considerando-se a relevância da distância entre os acentos de cada um dos vocábulos envolvidos, a partir da hipótese de que a possibilidade de aplicação do processo é maior quando a distância é superior a duas sílabas. Pretende-se, pois, verificar o funcionamento da distância entre os acentos no português e, desse modo, contribuir para a discussão sobre o ritmo das variedades brasileira e europeia da língua portuguesa.

Além da restrição acentual, outros aspectos rítmicos da língua também exercem influência sobre o processo quando considerado o constituinte prosódico em que se estabelece o contexto para a aplicação da elisão. Embora haja consenso sobre a relevância do domínio prosódico na literatura sobre o tema, a divergência sobre o domínio preferencial para aplicação de sândi em PB e PE instigou questionamentos durante a realização da pesquisa de que resultou este estudo. Logo, a presente pesquisa privilegiará a análise dos aspectos prosódicos que caracterizam o fenômeno nas duas variedades aqui consideradas.

1.2 CONSIDERAÇÕES PROSÓDICAS SOBRE A ELISÃO

Os estudos de Bisol (1996) e Tenani (2002) contribuíram com informações relevantes sobre o domínio prosódico preferencial à aplicação do apagamento de vogais em fronteira de vocábulos no português brasileiro, ao passo que os de Vigário (1997) e Frota (1998) trouxeram as principais considerações sobre o português europeu. Os estudos supracitados são, pois, as referências para a construção desta análise.

A proposta do presente estudo traz, entretanto, algumas questões que vão além da definição do domínio prosódico preferencial à aplicação do apagamento de vogais no contexto supracitado ou mesmo quando considerada a fronteira prosódica que

bloqueia o processo, visto que se pretende discutir os parâmetros para a classificação das fronteiras prosódicas em contextos de fala espontânea.

Propõe-se, pois, discutir a condição de relevância das fronteiras prosódicas previstas para a realização de elisão na fala espontânea. Assim, será tomada a hipótese de que seja a pausa, apenas a pausa, responsável pela ruptura do contexto prosódico para a aplicação da elisão, visto que, na fala espontânea, pode estar associada a fronteiras de *Is* e *Us*, assim como poderá ocorrer em fronteiras de ϕ (Nespor e Vogel 1986). Tem-se, então, dois questionamentos essenciais para a análise proposta: O modelo teórico de Nespor e Vogel (1986) seria, de fato, aplicável à fala espontânea? É a fronteira prosódica prevista ou a pausa que determina o ritmo e a aplicação de processos em uma dada língua?

Os questionamentos apontados dizem respeito à relevância da fronteira prevista a partir do embasamento teórico da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) para a aplicação da elisão e a relação direta de fronteiras de *Is* e de *Us* com a incidência de pausa. A finalidade de trazer tais questionamentos à tona neste estudo está vinculada não só à preocupação com relação à produção das estruturas prosódicas em fala espontânea, conforme a relação com a sintaxe prevista pela teoria, como também à relevância dessas fronteiras previstas para a ocorrência da elisão nesse tipo de dado.

2. METODOLOGIA

Como explicitado anteriormente, pretende-se aqui comparar o processo de apagamento da vogal /a/átona final em encontros vocálicos realizados em fronteira de vocábulos em duas variedades do português, a de Porto Alegre – RS, no Brasil, e a do Porto, em Portugal, a partir de uma amostra tratada à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação (Labov 1972).

Ainda que os estudos anteriores forneçam evidências para conclusões de que o fenômeno ocorre de maneira regular entre as variedades do PB, é importante ressaltar que os resultados aqui obtidos não deverão ser generalizados e que, apesar de falar-se em uma comparação entre PB e PE, trata-se de uma comparação entre as variedades de Porto Alegre e do Porto, que poderá oferecer argumentos para a

discussão sobre as divergências e similaridades entre a variedade brasileira e europeia da língua portuguesa.

2.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Uma vez que se trata de um estudo variacionista, a pesquisa requer o trabalho com dados de fala representativos das duas variedades em estudo, ou seja, dados coletados a partir das falas de informantes de Porto Alegre e do Porto. Para tanto, a coleta de dados para constituição das amostras representativas das duas variedades da língua portuguesa foi realizada a partir do método de entrevista de experiência pessoal.

A amostra resultante da realização das entrevistas de experiência pessoal foi constituída por 24 informantes de cada uma das regiões consideradas. Trata-se de uma amostra aleatória estratificada, ou seja, com o mesmo número de informantes por célula composta pelas características sociais selecionadas para exame. O Quadro 1, a seguir, ilustra a constituição da amostra em estudo.

Faixa Etária	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	Porto Alegre	Porto	Porto Alegre	Porto
20 – 35 Jovens	(4)	(4)	(4)	(4)
36 – 50 Adultos Jovens	(4)	(4)	(4)	(4)
Mais de 50 Adultos	(4)	(4)	(4)	(4)

Quadro 1: Constituição da Amostra da Entrevista de Experiência Pessoal²

As faixas etárias consideradas para a estratificação da amostra foram definidas a partir do critério de estabilização do vernáculo, ou seja, foram definidos para a constituição da amostra apenas informantes adultos, considerados como falantes

² O projeto do qual resultou a presente pesquisa foi registrado no Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS sob o número 12/05757 e aprovado pelo ofício 312/12.

com o sistema da língua adquirido e estável. Os intervalos entre as faixas etárias foram considerados a fim de verificar indícios de mudança em progresso em tempo aparente, conforme o indicado em Tagliamonte (2006).

2.2 VARIÁVEIS

2.2.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

O estudo em questão considera como variável dependente a elisão de /a/ em posição átona final em fronteira vocálica. A hipótese é de que a variável dependente apresente quatro formas em competição, ou seja, quatro variantes: a elisão, a ditongação, o hiato e epêntese, as quais são apresentadas e exemplificadas a seguir.

Cabe ressaltar que, embora não haja descrição do processo de epêntese no contexto em análise em estudos sobre a elisão no PB e da regra de elisão à luz da Teoria da Variação no PE, considerar-se-ão as referências de Ellison e Viana (1995) e de Segura (2013) para a inclusão da epêntese entre as formas em competição e, assim, proceder à descrição do funcionamento dessa variante à luz da Teoria da Variação. Conforme os autores, é possível encontrar a inserção vocálica em contexto de aplicação de elisão nos dialetos do norte de Portugal.

São variantes de cada variável dependente em exame:

Elisão

A variante elisão considera ocorrências em que se aplica o processo de ressilabificação após o apagamento da vogal em primeira posição, conforme proposto por Bisol (1992)

/a/ - “Passava o Natal em casa de amigos, de familiares, da minha irmã também.” – Informante 04/Porto – [mijnir'mã]

Ditongação

Segundo Bisol (1996), a ditongação é o processo de ressilabificação em que a vogal átona final em primeira posição é reassociada ao núcleo, provocando o enfraquecimento da segunda vogal.

/a/ - “Nossa infância era um bocado dura.” – Informante 02/Porto - [nɔsaj'fãnsjɐ]

Hiato

O hiato ocorre quando a vogal candidata ao apagamento é produzida sem sofrer o processo de ressilabificação.

/a/ - “Naquela ocasião era muito dinheiro.” – Informante 01/Porto – [na'kela okasi'ãw]

Epêntese

Conforme Ellison e Viana (1996:174), os encontros vocálicos em PE podem ser resolvidos de formas variadas, sendo possível encontrar ocorrências de “epêntese” em dialetos do Norte do país. Segundo os autores, essa variante é rara e inexistente nas variedades do Centro e Sul de Portugal, informação corroborada por Segura (2013).

/a/ - “Em termos de...pronto, era ela ...meu pai era um bocado ausente.” – Informante 03/Porto – [ɛɾɛjɛɾɛ]

2.2.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As variáveis independentes são constituídas pelos grupos de fatores que podem condicionar a aplicação de uma regra variável. Os aspectos considerados como possíveis reguladores de uma regra variável podem estar presentes no próprio sistema linguístico ou como parte de aspectos externos, representando as características sociais que podem influenciar o sistema linguístico.

2.2.2.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Com o objetivo de identificar os condicionamentos prosódicos sobre o processo de elisão, consideraram-se as variáveis Distância entre os Acentos e Fronteira prosódica, além da Taxa de Elocução e da Incidência de Pausa em Fronteira Prosódica Prevista, analisadas em momento posterior, a partir de uma metodologia distinta, conforme descrito a seguir.

2.2.2.1.1 DISTÂNCIA ENTRE OS ACENTOS

Interessa aqui investigar a influência da distância, em número de sílabas, existente entre a sílaba acentuada do vocábulo portador da vogal candidata ao apagamento e o acento do vocábulo seguinte. A hipótese para as variedades em estudo é de que o processo seja favorecido quando há mais de duas sílabas entre os acentos dos vocábulos envolvidos. Seguem os exemplos.

(2)

Uma Sílaba ou Duas Sílabas

/a/ - “Na altura estava na escola.” – Informante 03/Porto – [aʎtuɾijˈtavɐ]

Mais de Duas Sílabas

/a/ - “Por que isso não faz parte da minha identidade.” – Informante 08/Porto – [mĩɲidẽtʃiˈdadɜ]

Presença de Clítico

/a/ - “Quando não estava na escola, ajudava minha mãe a cuidar dos menores. “ – Informante 03/Porto Alegre – [niskɔɭɐ]

2.2.2.1.2 FRONTEIRA PROSÓDICA

A fim de comparar os resultados referentes às duas variedades em estudo, propõe-se, a partir dos dados do Porto (PE) e Porto Alegre (PB), a análise da variável Fronteira Prosódica, a partir da hipótese de que o apagamento de vogais sofre o bloqueio quando em fronteira de frase entonacional em ambas as variedades em estudo e que é favorecido quando os vocábulos envolvidos estão na mesma frase fonológica. Seguem os exemplos em (3).

(3)

Mesma Frase Fonológica

/a/ - “[A minha irmã]φ[também começou a trabalhar com doze anos.” – Informante 03/ Porto – [m̃jirmã]

Fronteira de Frase Fonológica

/a/- “[A escola]φ[era pobre.” – Informante 14/Porto – [i]ˈkɔlɛrɐ]

Fronteira de Frase Entonacional

/a/- “[Era uma escola rígida,]I [onde se aprendia ainda com métodos pouco pedagógicos.” – Informante 17/ Porto – [ˈxiʒidõdɪ]

2.3 TAXA DE ELOCUÇÃO E REALIZAÇÃO DA FRONTEIRA PROSÓDICA PREVISTA

2.3.1 TAXA DE ELOCUÇÃO

Conforme Vigário (1997:316), a queda da vogal final é favorecida quando a velocidade de elocução é mais rápida. Segundo a autora, a aplicação da regra de apagamento da vogal átona final em fronteira de palavra seguida de vogal de qualidade fonética distinta apresenta um aumento de 17 % em relação à velocidade mais lenta. Não há, entretanto, uma medida padrão para classificar a taxa de elocução como rápida ou lenta. Segundo Barbosa (2004), a taxa de elocução é expressa por um número médio de produção de sílabas por segundo. Além de confirmar a influência da taxa de elocução sobre a aplicação da elisão, pretende-se investigar aspectos referentes ao ritmo e verificar duas hipóteses, a saber: a de Abaurre (1981), que afirma serem processos como a elisão mais recorrentes em línguas de ritmo acentual, que seriam, ainda, caracterizadas por uma velocidade mais rápida de produção; e a de Barbosa (2000), em que há associação entre taxa de elocução mais lenta e fenômenos relacionados ao grupo acentual.

Para a análise desse aspecto, apresentam-se duas hipóteses, a saber: i) as taxas médias de elocução de informantes de Porto Alegre (PB) e do Porto (PE) apresentam

diferenças significativas; ii) a taxa de elocução mais rápida favorece a aplicação do apagamento de vogais em fronteira de vocábulos com encontros vocálicos, com tendência ao ritmo acentual. O Quadro 2, a seguir, apresenta a constituição da amostra para a análise da taxa de elocução.

Faixa Etária	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	Porto Alegre	Porto	Porto Alegre	Porto
20 – 35	(2)	(2)	(2)	(2)
	(2)	(2)	(2)	(2)
36 – 50	(2)	(2)	(2)	(2)
Mais de 50	(2)	(2)	(2)	(2)

Quadro 2: Constituição da Amostra para a verificação da Taxa de Elocução

Os critérios para a análise da taxa de elocução seguem a proposta de Gonçalves (2013), em que é considerado o cálculo de sílabas fonéticas por segundo, ou seja, as sílabas são contadas a partir da verificação acústica sobre presença da vogal núcleo no espectrograma. Para tanto, foi extraído de cada umas das 24 entrevistas que compuseram a amostra (Quadro 2) um trecho de aproximadamente 120 segundos, mesmo tempo de fala utilizado por Gonçalves (2013), que contemplasse apenas a fala do informante, sem tomadas de turnos ou interferência da pesquisadora. Para fins de associação, já que o estudo que se tomou como referência foi realizado a partir de trechos divididos em turnos, a taxa obtida a partir do método aqui aplicado é a medida global do período considerado, ou seja, considerando toda a duração do trecho selecionado. Além da fala contínua do informante, a seleção do trecho considerou a qualidade do áudio e privilegiou períodos que fossem iniciados e concluídos com a produção de vogais, visto que são mais facilmente identificadas para a marcação da duração exata do trecho.

Para a realização da contagem das sílabas, os arquivos de áudio foram submetidos ao programa Praat, cujos recursos “Annotate” e “ToTextGrid” permitiram a vinculação do registro sonoro a uma grade de texto. Para o registro das informações depreendidas a partir do arquivo de áudio, foram utilizadas duas camadas de

etiquetagem. Na primeira foi realizada uma transcrição ortográfica representativa dos sons produzidos, como no exemplo *casa escura*→[kazais'kura], e registrados os apagamentos verificados a partir do sinal acústico e as produções de intervalos pausais; na segunda foi registrado o número de sílabas produzidas no trecho selecionado. A Figura 1, a seguir, ilustra a metodologia descrita.



Figura 4: Contagem das Sílabas para a Verificação da Taxa de Elocução

Ainda de acordo com parâmetros estabelecidos por Gonçalves (2013, p. 97), o local exato do início do primeiro e do último segmento do intervalo de fala considerado foi marcado a partir da identificação do início do vestígio acústico da primeira entre a(s) fonte(s) que compõe(m) o fone. Em casos de plosivas e africadas sonoras nas posições iniciais ou finais, não sendo possível tal identificação pelo fato de ser a barra de plosão o primeiro vestígio acústico, foi considerado o início da soltura dos segmentos; com relação a fricativas foi considerada a zona de ruído visualizada, enquanto para as nasais o vestígio acústico referencial foi o vozeamento e para as líquidas aplicou-se o critério de soltura ou fricção. Para a marcação em inícios e finais cujo primeiro segmento era uma vogal, o que ocorreu na maioria dos trechos selecionados, a principal referência foi a regularidade da forma da onda.

Cabe ressaltar que foram contadas como sílabas fonéticas todas aquelas registradas durante a audição e transcrição do trecho em que, durante a verificação acústica, foi identificado qualquer um dos sinais relacionados como vestígios

vocálicos, ou seja, o apagamento do núcleo vocálico e a consequente ausência da sílaba só foram considerados quando não houve qualquer vestígio acústico da presença de vogal.

2.3.2 REALIZAÇÃO DA FRONTEIRA PROSÓDICA PREVISTA

A fim de responder aos questionamentos construídos a partir da discussão apresentada anteriormente, em que o papel da fronteira prosódica prevista a partir da proposta de Nespor e Vogel (1986) sobre o estudo de elisão em fala espontânea é relacionado à incidência da pausa nesses contextos, a mesma amostra em que foi verificada a Taxa de Elocução (Quadro 2) foi utilizada para a verificação de pausas em contextos passíveis à aplicação do fenômeno em estudo. O registro das pausas durante a verificação acústica no Praat foi realizado no mesmo arquivo em que foram registradas as transcrições de conteúdo e a contagem de sílabas. Como pausas, foram considerados quaisquer períodos de tempo sem o vestígio acústico de produção de fala, conforme ilustra a Figura 2 a seguir.

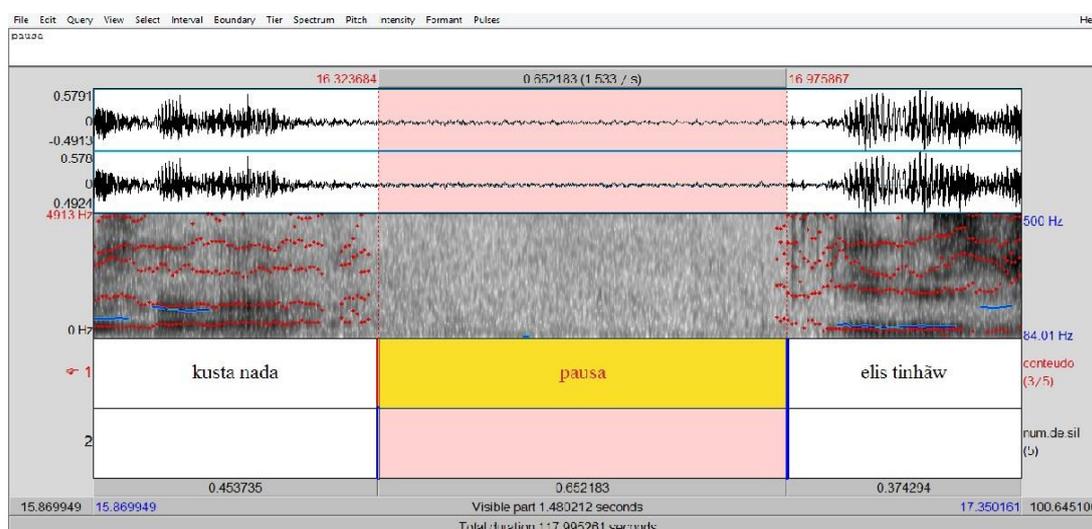


Figura 2: Verificação da Pausa em Fronteira Prosódica

Os resultados da análise da incidência de pausa em cada uma das fronteiras prosódicas previstas serão confrontados com o resultado estatístico obtido para a variável Fronteira Prosódica, a fim de se discutir tanto o funcionamento da proposta de Nespor e Vogel (1986) em estruturas de fala espontânea, como a relevância da fronteira para a aplicação da elisão. A hipótese é de que seja a incidência da pausa, e

não o tipo de fronteira em que ocorre o contexto, o principal condicionador do processo em estudo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 A ELISÃO DA VOGAL /A/ EM PORTO ALEGRE E NO PORTO

As ocorrências coletadas na amostra composta por 48 entrevistas de experiência pessoal, 24 de Porto Alegre e 24 do Porto, foram organizadas em arquivos de dados distintos, de forma a contemplar a análise em cada uma das variedades. Assim, a análise estatística com o programa Goldvarb X (Lawrence e Tagliamonte 2001) foi realizada com o número de ocorrências a seguir apresentada.

Processo	Porto Alegre	Porto
Elisão de /a/	1.617	1.505

Quadro 3: Número de Ocorrências Analisadas

3.1.1 FREQUÊNCIA GLOBAL

As amostras representativas do português falado em Porto Alegre e no Porto para a análise da elisão da vogal /a/ foram constituídas, respectivamente, por 1.617 e 1505 ocorrências. Nas duas regiões, a elisão foi a variável mais frequente, registrada em 55% das ocorrências da amostra de Porto Alegre e em 80,6% na amostra do Porto. Com relação às demais variantes, as duas amostras apresentaram comportamentos distintos quanto à frequência, visto que em Porto Alegre tem-se a ditongação como segunda mais recorrente, com 28,8%, seguida do hiato, com 16,2%; já na amostra representativa do Porto, o resultado revelou que há maior recorrência de hiato, com 14,4%, se comparado à ditongação, registrada em 4,3% da amostra. Cabe ressaltar que, conforme esperado, a epêntese ocorreu apenas no Porto, em 3,7% das ocorrências. Os Gráficos 1 e 2, a seguir, ilustram as informações sobre frequência global aqui descritas.

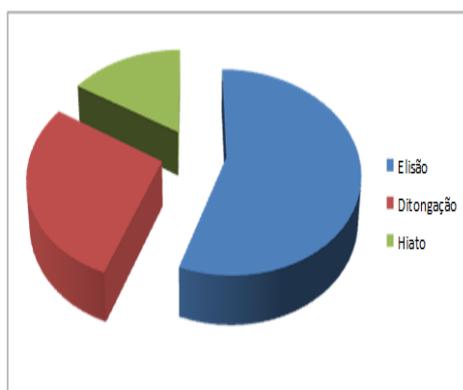


Gráfico 1: Elisão de /a/ em Porto Alegre

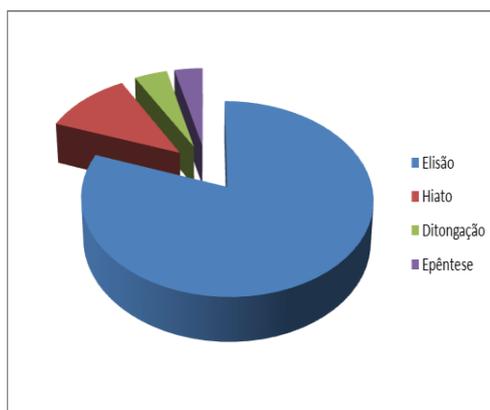


Gráfico 2: Elisão de /a/ no Porto

O resultado corrobora a hipótese de que a elisão seja mais frequente na amostra do Porto, aqui representativa de PE, com relação à amostra de Porto Alegre, representativa de PB. A seguir, serão apresentados e discutidos os resultados referentes aos condicionamentos prosódicos ao processo de elisão da vogal /a/ em Porto Alegre e no Porto, verificados a partir da análise estatística com o programa Goldvarb X.

3.1.2 FRONTEIRA PROSÓDICA

Os resultados estatísticos apontam que há maior favorecimento ao processo em estudo quando o contexto está em *fronteira de frase fonológica*, em que a aplicação foi de 0,65 em Porto Alegre e de 0,68 no Porto. A aplicação da regra de elisão da vogal /a/ em Porto Alegre e no Porto é favorecida ainda quando o contexto

considerado está na *mesma frase fonológica*, fator cujo peso relativo encontrado foi de 0,55 e 0,56, respectivamente. Em *fronteira de frases entonacionais*, entretanto, há o bloqueio ao processo nas duas variedades, com pesos relativos de 0,13 e 0,062, conforme ilustram a Tabela 1 e a Tabela 2, a seguir.

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[A menina] φ [era estudiosa]</i>	312/486	64,3	0,65
Mesma Frase Fonológica <i>[A menina estudiosa] φ [era alegre]</i>	568/1067	53,3	0,55
Fronteira de Frase Entonacional <i>[A menina,] I [obedecendo aos pais,] estudava muito.</i>	10/64	15,6	0,13
Total	890/1617	55	

Input 0,57

Significância 0,002

Tabela 1: Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[Ela era] φ [estranha com todos]</i>	413/464	89	0,68
Mesma Frase Fonológica <i>[A mesma história] φ [foi contada]</i>	773/981	79	0,56
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Minha amiga,] I [estranhado aquilo,] I [foi embora]</i>	20/60	33,3	0,062
Total	1208/1505	80,6	

Input 0,86

Significância 0,000

Tabela 2: Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Fronteira Prosódica

O resultado mais relevante para a análise desta variável não se refere ao esperado favorecimento quando as estruturas que constituem o contexto estão sob o domínio da frase fonológica, seja em seu interior ou em fronteira. Nos estudos anteriores que abordam o aspecto prosódico não há indícios de bloqueio em tais contextos, nos quais o processo é sempre favorecido. O resultado mais interessante diz respeito, pois, à frase entonacional, visto que em Bisol (1992,1996), sobre o PB, e Frota (1998), sobre o PE, a afirmação é de que a fronteira de frase entonacional é a

única fronteira bloqueadora ao processo de elisão, enquanto em Tenani (2002), os resultados revelam que o bloqueio se dá apenas diante da ocorrência de pausa.

Há, entretanto, uma possível associação entre os posicionamentos supracitados, pois a partir dos resultados aqui obtidos, é possível aplicar a proposta de Serra (2009), para a qual a produção da pausa está diretamente associada a estruturas em que a Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) prevê a existência de uma fronteira de frases entonacionais. Para confirmar tal hipótese, a análise será retomada através da variável Realização da Fronteira Prosódica, em que os arquivos de áudio de fala espontânea serão analisados a partir de verificação acústica, a fim de se identificar a incidência de pausa em fronteiras previstas e oferecer evidências sobre o real condicionamento da estrutura prosódica em fala espontânea para a elisão.

3.1.3 DISTÂNCIA ENTRE OS ACENTOS

Os resultados estatísticos para esta variável revelaram que o processo de elisão da vogal /a/ em Porto Alegre é favorecido quando a distância entre o acento do vocábulo em primeira posição e o acento do vocábulo em segunda posição é de *uma ou duas sílabas*, contexto em que o peso relativo é 0,59. No Porto, entretanto, o resultado revela que o processo é favorecido pela distância superior a duas sílabas entre os acentos dos vocábulos em primeira e em segunda posição, com peso relativo de 0,79. É possível identificar uma relação inversamente proporcional quanto aos fatores *uma ou duas sílabas* e *mais de duas sílabas* quando comparados os resultados para PB e PE, já o fator *presença de clítico* apresenta resultados ao redor do ponto neutro para as duas amostras. As Tabelas 3 e 4, a seguir, apresentam os resultados obtidos a partir da análise estatística das ocorrências.

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Uma ou duas sílabas <i>aquela essência</i>	351/549	64%	0,59
Presença de clítico <i>da história</i>	251/444	56%	0,50
Mais de Duas Sílabas <i>ela aprovava</i>	288/624	46%	0,45
Total	890/1617	55%	

Input 0,57

Significância 0.002

Tabela 3: Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Mais de duas sílabas <i>era esperado</i>	522/569	91,7%	0,79
Presença de clítico <i>da hipótese</i>	324/406	79,8%	0,40
Uma ou duas sílabas <i>agora evito</i>	362/530	68,3%	0,24
Total	1208/1505	80,3%	

Input 0,80

Significância 0.000

Tabela 4: Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos

A hipótese inicial para a variável Distância entre os Acentos foi parcialmente refutada, visto que os resultados da amostra representativa de PB revelaram que a elisão de /a/ é favorecida por uma distância acentual inferior, de uma ou duas sílabas.

Ainda que corrobore a hipótese de condicionamento deste aspecto sobre as duas variedades em análise, o resultado instiga outra questão relevante para o entendimento do processo, a saber: qual a justificativa fonológica para que haja favorecimento do processo quando há maior distância entre as sílabas tônicas dos vocábulos envolvidos? A hipótese é de que este condicionamento esteja relacionado ao padrão rítmico do PE e PB.

Para que seja possível esclarecer os questionamentos, a análise dos resultados será retomada posteriormente. Espera-se, a partir do proposto, oferecer evidências para a discussão sobre o padrão rítmico de PB e PE, apontado como a diferença mais relevante entre as duas variedades.

3.1.4 FAIXA ETÁRIA

Embora as variáveis extralinguísticas não tenham mostrado papel relevante na literatura sobre o tema, a variável Faixa Etária foi considerada para que houvesse um controle sobre a evolução da regra variável em estudo.

Com relação à elisão de /a/ nas amostras aqui consideradas, não houve relevância estatística da variável faixa etária em Porto Alegre, ao passo que no Porto os resultados apresentaram declínio da aplicação de elisão entre os jovens, com peso relativo de 0,30. A Tabela 5, a seguir, apresenta os resultados obtidos.

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Adultos Jovens	421/489	86,1%	0,60
Adultos	409/499	82,1%	0,60
Jovens	372/517	72,7%	0,31
Total	1206/1505	80,6%	

Input 0,80

Significância 0.000

Tabela 5: Elisão da vogal /a/ no Porto (PE):Faixa Etária

Para que seja possível verificar a evolução da regra entre as faixas etárias consideradas, o Gráfico 3 ilustra os resultados já apresentados na Tabela 5.

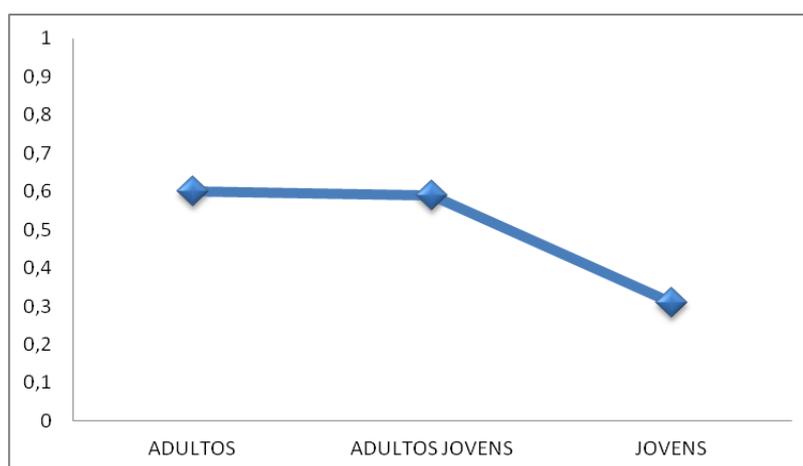


Gráfico 3: Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Faixa Etária

Inicialmente, não foi considerada a hipótese de uma relação de dependência entre Taxa de Elocução e Faixa Etária. Porém, o resultado expresso no Gráfico 3 aliado à percepção da pesquisadora com relação à fala dos informantes mais jovens em comparação a dos mais velhos, motivou a elaboração de uma nova hipótese para este estudo, segundo a qual a queda na aplicação da elisão entre os jovens falantes do Porto estaria associada à taxa de elocução mais lenta com relação a de adultos e de idosos. Todavia, entre os adultos e idosos não haveria distinção significativa.

Cabe salientar que a análise por informantes confirmou um comportamento semelhante dos indivíduos de cada faixa etária com relação à regra em estudo. A discussão em tela será retomada junto à análise da taxa de elocução a seguir.

3.1.5 TAXA DE ELOCUÇÃO: ANÁLISE

A amostra utilizada para a análise da Taxa de Elocução foi obtida a partir de verificação acústica da produção de sílabas por segundo em, aproximadamente, 2 minutos de fala de cada informante. Diferente da amostra utilizada para a análise obtida a partir de registros de oitiva, a amostra da qual resultou a medida da Taxa de Elocução é resultante de material de dois informantes por sexo e por faixa etária de cada uma das variedades em estudo, conforme apresentado no Quadro 2.

A decisão por considerar uma amostra mais restrita foi baseada no comportamento regular apresentado pelo grupo quando realizada a análise da variável Faixa Etária na amostra do Porto e no fato de não haver relevância com relação à faixa etária na amostra de Porto Alegre. Espera-se que a análise da taxa de elocução por faixa etária na amostra do Porto seja capaz de apontar indícios para que se identifique maior frequência do processo de elisão nesta variedade, visto que as variáveis linguísticas selecionadas como estatisticamente relevantes foram as mesmas para as duas variedades.

A Tabela 6, a seguir, apresenta os resultados referentes à análise da taxa de elocução dos 12 informantes de Porto Alegre (PB).

Informante	Faixa Etária	Sexo	Duração	Sílabas	TE
PA 1	Jovem	Feminino	121,18	565	4,66
PA 2	Jovem	Feminino	120,47	574	4,76
PA 3	Jovem	Masculino	124,60	576	4,62
PA 4	Jovem	Masculino	117,50	535	4,47
PA 5	Adulto Jovem	Feminino	123,29	591	4,79
PA 6	Adulto Jovem	Feminino	126,30	603	4,77
PA 7	Adulto Jovem	Masculino	129,12	613	4,74
PA 8	Adulto Jovem	Masculino	122,34	571	4,66
PA 9	Adulto	Feminino	127,40	607	4,76
PA 10	Adulto	Feminino	124,41	597	4,79
PA 11	Adulto	Masculino	126,67	589	4,65
PA 12	Adulto	Masculino	122,01	567	4,64
Média Geral					4,69

Tabela 6: Taxa de Elocução dos Informantes de Porto Alegre–RS (PB)

Como pode ser verificado nos resultados apresentados na Tabela 6, não há um comportamento que evidencie a relação da taxa de elocução com o papel social representado pelo informante, pelo menos no que diz respeito à faixa etária e ao sexo que o caracterizam. Espera-se, ao apresentar os resultados referentes à amostra do Porto (PE), identificar um comportamento característico da faixa etária que justifique a frequência global mais elevada da amostra, confirmando a hipótese de que a maior produção de elisão no Porto (PE) está associada à taxa de elocução, visto que não foram encontradas diferenças com relação aos condicionamentos durante a análise estatística. A Tabela 7, a seguir, apresenta os resultados referentes aos 12 informantes do Porto (PE).

Informante	Faixa Etária	Sexo	Duração	Sílabas	TE
P 1	Jovem	Feminino	125,77	604	4,80
P 2	Jovem	Feminino	128,68	599	4,65
P 3	Jovem	Masculino	120,40	534	4,43
P 4	Jovem	Masculino	118,47	529	4,46
P 5	Adulto Jovem	Feminino	126,94	650	5,12
P 6	Adulto Jovem	Feminino	133,65	689	5,15
P 7	Adulto Jovem	Masculino	125,63	650	5,17
P 8	Adulto Jovem	Masculino	122,14	617	5,05
P 9	Adulto	Feminino	122,37	660	5,39
P 10	Adulto	Feminino	126,36	634	5,01
P 11	Adulto	Masculino	125,93	645	5,12
P 12	Adulto	Masculino	126,84	661	5,21
Média Geral					4,96

Tabela 7: Taxa de Elocução dos Informantes do Porto (PE)

Diferente do que ocorre em Porto Alegre, na amostra do Porto é possível verificar diferenças entre as faixas etárias no que diz respeito à taxa de elocução. Enquanto entre os jovens a TE mais alta é de 4,80 sílabas por segundo, não há aplicação inferior a 5,01 sílabas por segundo entre os adultos jovens e adultos. Este resultado é um indício para se confirmar a hipótese de que a TE é responsável pela queda da aplicação da elisão entre os jovens do Porto. Para que seja possível visualizar tal tendência de maneira mais clara, a Tabela 8 a seguir apresenta as médias da TE por faixa etária no Porto.

Faixa Etária	TE Média
Jovens	4,59 síl./s
Adultos Jovens	5,12 síl./s
Adultos	5,18 síl./s
Média Geral	4,96 síl./s

Tabela 8: Taxa de Elocução Média por Faixa Etária no Porto (PE)

A partir das médias apresentadas na Tabela 8, é possível verificar a diferença entre a faixa etária formada por jovens e as demais. A TE média entre os jovens é de

4,59 síl./s, enquanto adultos jovens e adultos apresentam uma média de 5,12 e 5,18 síl./s, respectivamente, medidas muito aproximadas.

A fim de comprovar que a diferença entre os grupos supracitados é significativa e que pode, pois, ser responsável pela menor aplicação de elisão entre os mais jovens, foi realizado um teste de significância com auxílio do programa SPSS versão 17.0. O teste paramétrico - *Anova Unifatorial* – foi o escolhido por se tratar de uma variável dependente intervalar (a Taxa de Elocução passa a ser uma variável dependente para a realização do teste) e por haver um design *inter-sujeitos*, onde foram comparados três grupos de indivíduos (jovens, adultos jovens e adultos). O resultado apontou significância para a diferença entre os grupos, mas, para identificar onde está a diferença significativa, foi necessária a realização de um *teste post-hoc*, que permite comparar os grupos em pares. O último teste confirmou a relação esperada, ou seja, que a diferença significativa ocorre quando comparadas as taxas de elocução de jovens e adultos jovens, e de jovens e adultos.

Na amostra representativa do Porto (PE), a motivação para a diminuição da TE e, conseqüentemente, a queda da produção de elisão entre os informantes mais jovens pode estar relacionada ao contato frequente de pessoas dessa faixa etária com estrangeiros. Todos os informantes jovens que constituíram a amostra são universitários, ou concluíram o nível superior recentemente, em uma cidade que recebe muitos estudantes em mobilidade acadêmica, principalmente brasileiros. Além do contato na própria universidade, é papel de muitos dos estudantes portugueses receberem alunos estrangeiros em suas casas e integrá-los em atividades comuns à faixa etária em que se encontram, o que pode corroborar a hipótese de que a fala mais lenta, de mais fácil compreensão, seja um processo de mudança encaminhado por uma estratégia de aproximação entre anfitriões – os portugueses – e visitantes através da língua.

A relação entre a taxa de elocução e variáveis extralinguísticas já foi discutida por Meireles e Silva (2011), com o objetivo de se constatar o nível de influência da faixa etária e do gênero sobre a mudança linguística e de se verificar a possibilidade de fatores sociais atingirem o nível prosódico. Os resultados encontrados confirmaram a relação entre faixa etária e taxa de elocução e podem, também, ser associados aos resultados aqui encontrados para o Porto (PE), visto que foram os

informantes mais velhos que apresentaram a taxa de elocução mais elevada. Devem-se considerar, entretanto, as diferenças metodológicas entre este estudo e o de Meireles e Silva (2011), pois os resultados são provenientes de arquivos obtidos a partir de leitura de sentenças e foram associados pelos autores ao fato de pessoas mais velhas terem mais escolaridade e, portanto, mais fluência durante a leitura. Outra distinção relevante está relacionada às faixas etárias consideradas, visto que os informantes mais jovens da amostra do Porto têm entre 20 e 35 anos, enquanto os mais velhos da amostra de Meireles e Silva (2011) apresentam entre 17 e 22 anos de idade. Ainda assim, a informação, comum aos dois estudos, de que a influência de fatores sociais pode atingir o nível prosódico da língua, é um contributo relevante para as pesquisas que consideram a atuação de questões extrínsecas ao sistema linguístico na constituição de regras linguísticas.

A influência da elisão sobre a Taxa de Elocução encontra argumento não apenas nas relações referentes às diferenças etárias, visto que a aplicação mais elevada no Porto em comparação a Porto Alegre pode estar associada à TE mais alta na amostra da cidade portuguesa. Os resultados das médias gerais apresentadas nas Tabelas 6 e 7, respectivamente, indicam a TE média de 4,69 síl./s para Porto Alegre e de 4,96 síl./s no Porto. A afirmação sobre a significância deste resultado depende, entretanto, da realização de um teste com o programa SPSS.

A primeira etapa para a realização do teste de significância entre a TE média de Porto Alegre e a TE média do Porto consistiu na realização de testes de normalidade e de homogeneidade de variância, que apontaram distribuição normal dos dados. Assim, aplicou-se o teste paramétrico T , para amostras independentes. Conforme pode ser observado na Tabela 9 a seguir, o teste T para amostras independentes permitiu constatar que há diferenças significativas entre os informantes de Porto e os informantes de Porto Alegre no que se refere à taxa de elocução ($t(23) = 3,114; p = 0,005$).

	Porto Alegre (N = 12) <i>Média (DP)</i>	Porto (N = 13) <i>Média (DP)</i>	Valor do teste t (df = 23)	Valor de p
Taxa de Elocução	4,96 (0,29)	4,69 (0,09)	3,114	p = 0,005 < 0,05

Tabela 9: Teste de Diferenças *T* para Amostras Independentes

A constatação de que há diferença entre a taxa de elocução encontrada nas amostras de Porto Alegre e do Porto é um argumento para a confirmação de que a elisão é um fenômeno característico de produções mais rápidas, conseqüentemente mais frequente no Porto (PE). Além da confirmação da hipótese, baseada em Frota (1997), de que taxas mais rápidas favorecem a elisão, o que justifica a diferença de frequência do processo nas duas amostras em análise, o resultado distinto para Porto Alegre (PB) e para o Porto (PE) constitui uma evidência para a discussão sobre o ritmo de PB e de PE.

A proposta de Abaurre (1981) relaciona o ritmo, mais silábico ou mais acentual, a processos fonológicos e à velocidade de produção das sentenças. Assim, conforme a autora, falas mais rápidas e processos de enfraquecimento ou apagamento vocálico são relacionados ao ritmo acentual, enquanto ao ritmo silábico estão associadas produções mais lentas e que privilegiem processos de inserção vocálica, como a epêntese no interior do vocábulo, comum no português brasileiro e pouco recorrente na variedade europeia.

Os resultados aqui obtidos, corroboram, pois, a constatação do estudo de Abaurre (2001), visto que, na amostra do Porto, ocorre mais elisão e a taxa de elocução é mais alta, enquanto, na amostra de Porto Alegre, a relação é inversamente proporcional, já que ocorre menos elisão e a taxa de elocução média encontrada é significativamente mais baixa. A análise está, ainda, em conformidade com os resultados de Frota e Vigário (2000), que apontam a ocorrência de intervalos consonantais superiores em PE, o que caracteriza o ritmo acentual; por outro lado, o PB foi classificado pelas autoras como de ritmo silábico, por apresentar intervalos vocálicos superiores.

A classificação do fenômeno de elisão como um processo característico de ritmo acentual e a confirmação de que é mais recorrente em taxas de elocução mais elevadas, considerando não só o resultado da comparação entre Porto Alegre e Porto, como também a diferença de aplicação entre as faixas etárias, parece ir de encontro ao resultado de Barbosa (2000), para o qual os fenômenos de ritmo acentual estão associados a taxas de elocução mais lentas. Com relação ao ritmo característico de PB e de PE, o autor realiza uma análise relativa, afirmando que o PB é mais silábico, se comparado a línguas como o thai e o inglês britânico, caracterizadas como acentuais, enquanto o PE é mais acentual do que o espanhol cubano e menos acentual do que o inglês americano e o sueco. Seguindo a estratégia de Barbosa (2000), poder-se-ia afirmar que, na amostra utilizada neste estudo, o português de Porto Alegre é menos acentual do que o português falado no Porto, o que constitui uma evidência para a discussão das diferenças rítmicas entre PB e PE. Para a comparação entre as duas pesquisas, entretanto, deve-se ressaltar a questão metodológica, visto que Barbosa (2000) trata de um resultado baseado em leitura, enquanto aqui foram tratadas ocorrências de fala espontânea.

3.1.6 FRONTEIRA PROSÓDICA: PREVISÃO E REALIZAÇÃO

Ao retomarem-se os resultados da análise estatística das ocorrências, destaca-se o bloqueio da fronteira de frase entonacional à elisão, enquanto as ocorrências registradas em uma mesma frase fonológica e aquelas em que as vogais envolvidas estão em fronteira de frase fonológica não apresentam distinções entre si no que diz respeito à aplicação. A fim de verificar, assim como proposto pelo objetivo da variável, qual a motivação para o bloqueio ao processo em fronteiras de frase entonacional e se a estruturação prevista pela Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) encontra referências na realização em fala espontânea, os mesmos arquivos de áudio submetidos à análise da taxa de elocução serviram para a verificação acústica da incidência de pausa em fronteiras previstas e no interior da frase fonológica, o que será tomado como indício da realização da fronteira. Cabe ressaltar que, como o objetivo é o de verificar a aplicação do modelo teórico e explicar o bloqueio à frase entonacional, foram verificadas todas as fronteiras previstas, ainda que não se

tratassem de contextos para a aplicação da elisão. A Tabela 10 a seguir apresenta os resultados encontrados na amostra representativa de Porto Alegre (PB).

	Front. Previstas	Ocor. de Pausa	%	Contexto de Elisão	Ocor. de Elisão	%
Fronteira de Frase Entonacional	719	567	78,8	87	08	9,1
Fronteira de Frase Fonológica	1128	310	27,5	203	124	61,1
Mesma Frase Fonológica	1756	263	14,9	678	421	62,1
Total	3603	1140	31,6	968	553	57,1

Tabela 10: Realização das Fronteiras Prosódicas em Porto Alegre (PB): Incidência de Pausa

Conforme pode ser observado na Tabela 10, a frequência da pausa em fronteiras de frase entonacional é mais alta, se comparada à ocorrência em fronteira de frase fonológica e no interior da frase fonológica. Entretanto, em fronteiras de frase fonológica e no interior de frases fonológicas, a pausa ocorre em 27,5% e 14,9% das ocorrências, respectivamente, constituindo uma evidência de reestruturação prosódica, já que não é prevista pelo modelo teórico nesses contextos.

Não se tem, neste estudo, a pretensão de realizar afirmações sobre a aplicação da Fonologia Prosódica em fala espontânea, mas a de motivar a investigação sobre a atuação das fronteiras em fenômenos estudados a partir de produções assim obtidas. Os resultados aqui apresentados, ao revelarem a ocorrência – ainda que menos frequente – de pausa em fronteiras abaixo da frase entonacional, corroboram o questionamento sobre o verdadeiro bloqueio à elisão, ou seja, há bloqueio quando o contexto está onde a aplicação do modelo teórico prevê a fronteira de frase entonacional ou, ainda que se tenha previsto outra fronteira, o bloqueio coincide com a pausa?

Com relação à ocorrência de elisão, os resultados apontam que, assim como na análise estatística apresentada, a elisão não é favorecida em contextos formados em fronteira de frase entonacional. O questionamento proposto para a investigação da realização de fronteiras prosódicas, entretanto, não só diz respeito à incidência de pausa nas fronteiras prosódicas, mas também à relação que a realização dessas

fronteiras tem com a ocorrência da elisão e, nos casos de não produção do fenômeno, ao fato de ser a fronteira prevista ou a realização da pausa que ocasiona o bloqueio. Na Tabela 11 a seguir são apresentados os números referentes à incidência da pausa em contextos em que a elisão não ocorre.

	Contextos de Elisão	Não Aplicação	Pausa em Contextos de Não Aplicação	Percentual de Pausa em Contextos de Não Aplicação
Fronteira de Frase Entonacional	87	79	68	86,1
Fronteira de Frase Fonológica	203	79	32	40,5
Mesma Frase Fonológica	678	257	145	56,4
Total	1288	415	245	59%

Tabela 11: Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão em Porto Alegre (PB)

Os resultados apresentados na Tabela 11 refletem a relevância da pausa para o bloqueio da elisão. É diante de pausa que ocorre a maior parte do bloqueio ao processo, visto que a ruptura prosódica está presente em 59% dos contextos em que a elisão poderia ser aplicada e não ocorre. O resultado da verificação acústica de fronteiras prosódicas na amostra de Porto Alegre (PB) revela que a Fronteira de Frase Entonacional inibe o processo de elisão, mas o bloqueio pode estar principalmente associado à alta incidência de pausa. O elevado percentual de pausa também em fronteiras abaixo da frase entonacional corrobora, pois, a hipótese de que este é o principal condicionamento prosódico ao fenômeno em estudo no que diz respeito à amostra de Porto Alegre. A Tabela 12 a seguir apresenta os resultados da verificação acústica sobre a pausa na amostra representativa do Porto (PE).

	Front. Previstas	Ocor. de Pausa	%	Contexto de Elisão	Ocor. de Elisão	%
Fronteira de Frase Entonacional	786	559	71,1	76	10	13,1
Fronteira de Frase Fonológica	1213	321	26,5	210	156	74,3
Mesma Frase Fonológica	1761	234	13,2	683	567	83,01
Total	3760	1114	29,6	969	733	75,6

Tabela 12: Realização das Fronteiras Prosódicas no Porto (PE): Incidência de Pausa

Assim como ocorre para a amostra de Porto Alegre (PB), as ocorrências pertencentes à amostra do Porto (PE) confirmam a maior incidência de pausa em fronteira de frase entonacional, embora em percentual menor do que em Porto Alegre (PB), fato que pode estar relacionado à taxa de elocução mais rápida entre os informantes do Porto (PE). A incidência de pausa em fronteiras de frase fonológica e no interior da frase fonológica também foi encontrada na amostra do Porto (PE) em 26,5% e 13,2%, respectivamente. Os percentuais, também mais baixos do que os encontrados para Porto Alegre (PB), podem ser considerados significativos, visto que não se tem a previsão de ruptura prosódica pela pausa nesses contextos. O resultado apresentado na Tabela 12 corrobora a hipótese de que a pausa seja a maior responsável pelo bloqueio à elisão.

Com relação à frequência da elisão em fronteiras, a menor aplicação em fronteira de frase entonacional, apontada pela análise estatística apresentada anteriormente, é confirmada, embora o resultado possa estar associado à maior incidência de pausa na fronteira supracitada. A fim de verificar se é a maior incidência de pausa a responsável pela não aplicação da elisão, principalmente em contextos de fronteira de frase entonacional, a Tabela 13 a seguir apresenta os números referentes à incidência da pausa em contextos em que a elisão não ocorre na amostra do Porto (PE).

	Contextos de Elisão	Não Aplicação	Pausa em Contextos de Não Aplicação	Percentual de Pausa em Contextos de Não Aplicação
Fronteira de Frase Entonacional	76	66	57	86,4%
Fronteira de Frase Fonológica	210	54	39	72,2%
Mesma Frase Fonológica	683	116	94	81%
Total	969	236	198	83%

Tabela 13: Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão no Porto (PE)

Como se pode verificar, a relação da incidência de pausa em contextos em que a elisão não é aplicada é ainda maior na amostra do Porto (PE). O resultado, que aponta 83% de incidência de pausa em contextos de não aplicação, confirma a hipótese de que o bloqueio está mais relacionado a este tipo de ruptura prosódica do que ao tipo de fronteira em que está a ocorrência. Tal resultado, entretanto, instiga o questionamento sobre a diferença desta relação quando comparadas as amostras do Porto e de Porto Alegre, em que não há um percentual tão elevado quando associada a não ocorrência de elisão e a pausa.

Ainda que a verificação acústica tenha privilegiado a quantificação apenas do apagamento, sem considerar o que ocorre quando o processo não é aplicado, a análise estatística apresentada nas seções anteriores pode esclarecer o questionamento sugerido ao final do parágrafo anterior. Como pode ser percebido na apresentação da frequência global de variantes nas duas amostras (Gráficos 1 e 2), enquanto os contextos de não aplicação em Porto Alegre resultam principalmente em ditongação, em que ocorre um processo de ressilabificação e a pausa não é possível, na amostra do Porto, o hiato é o mais recorrente.

É possível, pois, que os contextos de elisão, por serem resolvidos com a aplicação da ditongação em Porto Alegre (PB), não apresentem a mesma incidência de pausa encontrada no Porto (PE), em que o hiato é mais recorrente em contextos de não aplicação da elisão. Cabe considerar, após a análise apresentada, que, em fala espontânea, a pausa é um indício de bloqueio mais relevante do que a fronteira

prosódica e que o status bloqueador, atribuído à fronteira de frase entonacional pela análise estatística, seja resultado da maior incidência de pausa nesse contexto.

Com relação à aplicação da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986), em dados de fala espontânea, ainda que haja um questionamento em razão do número elevado de pausas em contextos em que foram previstas as fronteiras de frase fonológica e na mesma frase fonológica, a maior incidência ainda é em fronteiras de frase entonacional, conforme previsto pela teoria. Como já foi mencionado, não se pode, e não é o objetivo deste estudo, avaliar o funcionamento da proposta em dados de fala espontânea, mas oferecer subsídios para a discussão sobre como a estruturação prosódica ocorre na fala. A análise aqui construída revelou, através do registro de pausa – classificada pela teoria como indício acústico de fronteira de frase entonacional –, que a produção pode não ocorrer da forma como é prevista pela Fonologia Prosódica e que a fronteira prosódica não é tão relevante quanto a pausa para a aplicação da elisão.

3.1.7 DISTÂNCIA ENTRE OS ACENTOS: EVIDÊNCIA RÍTMICA

A variável Distância entre os Acentos apresentou relevância estatística para todos os processos variáveis em estudo em ambas as amostras consideradas. Constituiu, entretanto, a principal diferença entre as amostras de Porto Alegre (PB) e do Porto (PE), visto que a elisão da vogal /a/ na primeira é favorecida quando a distância entre os acentos é de *até duas sílabas*, enquanto na segunda o favorecimento ocorre quando há uma distância de *mais de duas sílabas*.

O tratamento da variável Distância entre os Acentos nesta seção foi considerado relevante não só em razão de se tratar de uma diferença entre as duas variedades, mas por sustentar a hipótese de que é uma evidência do padrão rítmico de cada uma. Enquanto em Porto Alegre o apagamento é permitido com uma distância menor entre os acentos, o que indica a menor duração do grupo acentual, no Porto é exigida a maior distância para que haja a ressilabificação e seja apagada a vogal, indicando que o padrão rítmico da variedade requer a maior duração do grupo acentual. A confirmação dessa hipótese corroboraria o resultado referente à análise da Taxa de Elocução, em que a amostra de Porto Alegre é considerada mais silábica

com relação à amostra do Porto, considerada mais acentual. Os exemplos em (4) a seguir ilustram como funciona o processo em cada uma das amostras.

(4)

a) Porto Alegre – Aquela escola foi reformada. – Informante 4

[a.'kɛ.lɛis.'kɔ.la] → [a.'kɛ.lis.'kɔ.lɐ]

b) Porto – Tive aquela educação de estudar imenso mesmo. – Informante 7

[a.'kɛ.lɐ i.du.ka.'sãw̃] → [a.'kɛ.li.du.ka.'sãw̃]

O processo de ressilabificação resultante do apagamento da vogal em primeira posição provoca uma reorganização acentual da nova palavra. Assim, o acento do vocábulo em primeira posição passa a ocupar a posição de acento secundário, enquanto o acento do vocábulo em segunda posição, localizado no pé mais à direita, ocupa a posição de acento principal. É essa relação que parece ocorrer de maneira distinta nas duas variedades, pois enquanto o português falado em Porto Alegre admite que, após o processo, haja apenas uma sílaba entre os acentos, no português do Porto a distância deverá ser igual ou superior a duas sílabas.

Um argumento em favor da relação desta restrição ao padrão rítmico da língua é encontrado em Abaurre e Galves (1998). Segundo as autoras, em vocábulos com apenas duas sílabas anteriores ao acento principal, enquanto o PB mantém o seu padrão de atribuição do acento secundário ao marcá-lo na primeira sílaba do vocábulo, o PE apresenta uma tendência a reduzir a vogal que portaria este acento. No vocábulo *referência*, por exemplo, a primeira sílaba é marcada com o acento secundário ('re.fe.'rên.cia) em PB, já em PE a produção padrão não apresenta acento secundário e a primeira vogal sofre o processo de redução (r(e).fe.'rên.cia) (Abaurre e Galves 1998:06). Com a presença de uma palavra funcional monossilábica antes do mesmo vocábulo, entretanto, as autoras observaram que a nova palavra fonológica recebe, em PE, o acento secundário na vogal da palavra funcional monossilábica indexada, como em 'de.re.fe.'rên.cia. Por outro lado, o PB continua a atribuir acento secundário à primeira sílaba da palavra lexical que constitui a palavra fonológica, como em de.'re.fe.'rên.cia. Os exemplos corroboram a distância preferencial de duas

sílabas entre os acentos em PE, enquanto em PB a distância padrão é de uma sílaba, como exemplificam, ainda, os itens '*com.pa.ra.*'*ti.va* (PE) e *com.*'*pa.ra.*'*ti.va* (PB).

Conforme Abaurre e Galves (1998:16), enquanto PB tende a ter como restrição mais relevante a preservação da integridade da palavra, ou seja, a preservação da estrutura silábica, o PE, ao reduzir a vogal que em PB porta o acento secundário, tende a evidenciar o pé troqueu, privilegiando a redução em detrimento do acento secundário.

A análise do resultado estatístico da variável Distância entre os Acentos seria, pois, mais uma evidência de que, em comparação entre as amostras de Porto Alegre e do Porto, o português de Porto Alegre é mais silábico e o português do Porto é mais acentual.

4. CONCLUSÃO

Ao apresentar, discutir e analisar o processo de elisão da vogal /a/ em Porto Alegre (PB) e no Porto (PE), o estudo revelou que, embora tenha sido confirmada a hipótese de maior frequência do processo na variedade europeia, os condicionamentos apresentados pela análise estatística são os mesmos e caracterizam-se, principalmente, pelo aspecto prosódico. As análises da Taxa de Elocução, da influência da Faixa Etária no Porto, da Fronteira Prosódica e da variável Distância entre os Acentos possibilitaram apontar evidências para a discussão dos padrões rítmicos de PB e PE, corroborando, respectivamente, as tendências ao ritmo silábico e ao ritmo acentual.

É relevante salientar o fato de que não foi o objetivo deste estudo oferecer uma posição sobre a aplicabilidade da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) em estudos cujo corpus seja constituído a partir de fala espontânea, mas sim o de oferecer indícios para que os estudos questionem o funcionamento da teoria para definir condicionamentos da ocorrência do fenômeno nesse tipo de dado. Assim, o cruzamento de informações obtidas a partir da verificação acústica possibilitou realizar duas afirmações importantes acerca da relação entre a Fonologia Prosódica e dados provenientes de fala espontânea, a saber: i) na fala, pode ocorrer a reestruturação prosódica das estruturas previstas com base na relação

sintaxe/fonologia, como ocorrências de pausas em fronteiras nas quais tais rupturas não são previstas; ii) a fronteira prevista pode não ser o aspecto mais relevante para o fenômeno, bem como ocorreu nesta pesquisa, em que a ocorrência de pausa é determinante.

Salvo a diferença rítmica, encontram-se neste estudo argumentos para a defesa de que PB e PE são variedades de uma mesma língua, já que apresentam os mesmos condicionamentos para a aplicação do processo fonético-fonológico variável descrito.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. *Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e causal do Português do Brasil*. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 2, p. 23-44, 1981.

_____. *Acento frasal e processos fonológicos segmentais*. Letras de Hoje, n. 31(2), p. 41-50, 1996.

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. M. C. *As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista*. D.E.L.T.A., n. 14 (2), 1998.

BARBOSA, P.A. *Syllable-timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major*. Delta, vol. 16, nº 2, 369 – 402. 2000.

_____. *Incurções em torno do ritmo da fala*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BISOL, L. *Sândi vocálico externo: degeminação e elisão*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (23): 83-101, jul/dez 1992.

_____. *Sândi externo: o processo e a variação*. In: KATO, Mary. (Org.). Gramática do Português Falado: Convergências. Campinas, SP, 1996, v. V, p. 55-96.

ELLISON, M.; VIANA, M. do C. *Antagonismo e elisão das vogais átonas em PE*. In: Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, v.III, Lisboa, APL, 1995.

FROTA, S; VIGÁRIO, M. *Aspectos de prosódica comparada: ritmo e entonação no PE e no PB*. Lisboa: Universidade de Lisboa, ms. 1999.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. New York, London: Garland Publishing, 2000[1998].

GONÇALVES, C. S. *Taxa de Elocução e de Articulação em Corpus Forense do Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania, 1972.

LAWRENCE, J. S. ; TAGLIAMONTE, S. A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Departament of Language and Linguistic Science. University of York. York: 2001.

MEIRELES, A. R.; SILVA, J. A. *Estudo sociofonético do ritmo da fala capixaba*. *Journal of Speech Sciences* 1(1):3-13. 2011.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Foris Publications. Dordrecht: 1986

SEGURA, L. *Varietades dialetais do português europeu*. In: E. B. P. Raposo et al. (orgs.). *Gramática do Português*. Volume 1. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 83-142. Coimbra: 2013.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TENANI, Luciane. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado. Universidade de Campinas: Campinas, 2002.